

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio da Manhã

Class.: PIP. antecedentes

Data: 18.02.48

Pg.: 147

**IRÁ ATÉ AO TAPAJÓS A EXPEDIÇÃO
RONCADOR-XINGU**

**Mais "um fôlego" de dois anos para chegar
a Coletoria**

Descrever o que é a Expedição Roncador-Xingú e o que tem feito desde que partiu de São Paulo, em 1943, sob a chefia do tenente-coronel Flaviano de Mattos Vanique, torna-se necessário, por isso que as páginas de sacrifício que esse militar-sertanista e seus legionários vem escrevendo têm merecido da imprensa amplos comentários.

Como chegara, porém, ao nosso conhecimento, que a Expedição não daria por terminada a sua obra nas margens do Xingú, onde a ponta de lança presentemente aguarda ordens, julgamos interessante apurar quais eram os novos planos. Aliás, a meta original da Expedição, como o próprio nome indica, já foi alcançada, quando os exploradores deixaram atrás de si o Roncador, içando a bandeira brasileira no novo posto do Xingú, e semeando todo o percurso, desde Aragarças, de bases, postos e numerosos campos de pouso. O objetivo, agora, é a cidade paraense de Coletoria, no Tapajoz.

Procuramos, assim, o coronel Vanique, que, de início nos exibiu a carta geográfica que levantou, focalizando a bacia do Araguaia, do Xingú e do Tapajoz. Mostra-nos uma série de linhas pontilhadas, indicando-nos um ponto do rio Xingú, um pouco acima da confluência do Romuro e diz:

— Aqui está, atualmente, a vanguarda da Expedição. Deste ponto, que é o mais avançado, partirá rumo noroeste até a bacia do Tapajoz, viajando por água e picadão, na floresta. Pelo Tapajoz meus homens seguirão até Coletoria, pontilhando o percurso, como vimos fazendo, desde que saímos do Aragarças, de postos e campos de aviação.

O coronel Vanique explica-nos, em seguida, geograficamente, que a bacia do Tapajoz poderá ser atingida, quer pelo Manitsauá, afluente da margem esquerda do Xingú, quer pelo rio Ferro, afluente do Von den Steinen.

“Temos duas alternativas: ou lançamos os 30 homens da Expedição Xingú abaixo, até o Manitsauá ou marchamos em sentido contrário da corrente, isto é, subimos o Xingú até o Romuro, para alcançar o Von den

Steinen, onde desemboca o Rio Ferro.

Num desses afluentes — o Ferro ou o Manitsauá — faremos uma parada para levantar um posto, com campo de pouso, antes de ir além.

Quanto tempo demandará essa etapa final até Coletoria? interrogamos;

“Nunca menos de dois anos, que passam voando, quando estamos em ação. O que deprime o expedicionário é a falta de movimento; mas espero que esta última etapa seja feita de um só fôlego. Um “fôlego” naquelas paragens pode durar dois anos... diz-nos sorrindo o coronel Vanique, que retomando o fio da narrativa, prossegue:

“Uma vez atingidas as extremidades do rio Ferro ou do Manitsauá, novos reconhecimentos determinarão com precisão a natureza, extensão e ângulo de marcha do picadão a ser aberto, demandando por terra o afluente mais próximo — o Teles Pires, importante tributário do Tapajoz.

Atingindo esse afluente, fará a expedição um “descanso” carregando pedra, para construir novo posto e campo de pouso, antes de entrar na estrada final — o Tapajoz.

A luta do expedicionário, em 5 anos de atividade, merece também do coronel Vanique uma referência especial, detendo-se ele particularmente na marcha de Aragarças para Xavantina, que ofereceu toda a sorte de dificuldades servindo de duro teste do arrojo e fibra dos denodados anônimos da Expedição, que estão palmilhando e regando com seu suor regiões até agora desconhecidas, maravilhosas concepções da natureza, mas férteis também em ciladas as mais desconcertantes contra o homem civilizado.